

humanitas

Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

Persas é lícita e fecunda e são válidas as conclusões a que a A. chega na análise comparativa desta peça com as de Eurípides.

Outras observações críticas se poderiam fazer a vários aspectos de pormenor desta obra tão sugestiva. Mas, para além destas pequenas divergências, o que importa salientar é o mérito essencial deste livro de Jacqueline de Romilly, que alcançou, com felicidade, o seu objectivo: explicar a evolução do patético de Ésquilo a Eurípides por um conjunto de circunstâncias em que avulta, com carácter decisivo, a originalidade pessoal dos dois autores.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO
(Bolseiro do I.A.C.)

Ettore Paratore, *!^epicureismo e la sua diffusione nel mondo latino.*

Quaderni della «Rivista di Cultura Classica e Medicewle»: 1.
Roma, Edizioni dell'Atenec, 1960. 99 pp.

Constitui este trabalho, segundo a informação do A., o primeiro capítulo de um livro sobre Lucrécio que não chegou a ser acabado, que não passou mesmo deste primeiro capítulo, redigido em 1945 e publicado apenas em parte em 1947, nos «Annali della Scuola Normale di Pisa», com o título de *Il fondamento religioso della «metafisica» epicúrea*. Quinze anos depois da sua primitiva redacção, decidiu-se o A., e em boa hora o fez, a publicar na íntegra este estudo aliciante sobre um dos temas mais sugestivos do diálogo entre Grécia e Roma. Diálogo que, aparentemente, é limitado no tempo pela sua referência a uma doutrina filosófica que suíge tarde na Grécia (a fundação do *Jardim* data de 306 a. C.), mas que, na realidade, envolve todo o portentoso movimento cultural que deu origem à filosofia a partir dos seus fundamentos, em terras da Ásia Menor. É que a especulação grega, observa Paratore na p. 8, «obedece a uma sua íntima dialéctica», que explica, por exemplo, a aparição dos Sofistas e de Sócrates e dá conta das manifestas e inúmeras implicações do pensamento platónico e aristotélico com todo o pensamento anterior.

O epicurismo surge, assim, como um produto filosófico inteiramente radicado no solo especulativo da Grécia e a sua transplantação para a Itália, como uma aventura ideológica de incalculáveis consequências. Paratore detém-se a analisar a história da aclimação e evolução em Roma desta doutrina revolucionária, à qual Roma ficaria, em grande parte, devendo uma profunda e tormentosa transformação espiritual. Alguns passos dos mais interessantes deste trabalho mostram, concretamente, o papel providencial desempenhado pelo epicurismo na preparação do ambiente que viria a receber a mensagem cristã.

O choque entre o epicurismo e o ambiente romano tradicional é devidamente explicado a p. 34. A importância de Lucrécio e de Cícero para o conhecimento das características apresentadas pela doutrina epicurista na Roma do primeiro século

a. C. é assinalada a p. 63 e segs. Justifica Paratore, com boas razões, o estranho silêncio de que Cícero, em geral, rodeia Lucrécio. A p. 66 escreve: «Cicerone — come tutta la classe coita tradizionalista di Roma — ammetteva la validità della speculazione ellenica solo sul piano della vita associata...; gli sfuggiva perciò l'esi-genza così squisita mente greca di basare l'anal isi del problema morale su saldi fonda-menti cosmologici, fisici, logici e metafisici.»

Não sabemos, porém, como conciliar estas afirmações com a interpretação que da obra de Lucrécio dá Paratore no final do seu trabalho. Que a romanidade do poema não derive apenas do seu «tom expressivo», mas do seu «singular carácter» relativamente ao tratamento do problema ético, parece difícil de entender à luz dos conceitos expressos na citação anterior.

De qualquer modo, e não atribuindo a este reparo especial importância, escreveu Paratore uma obra rica de sugestões culturais, notável como síntese de um complicado processo em que, ao olhar arguto do investigador, se entrelaçam os múltiplos fios da História numa rede inextricável de relações.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

Olivier Masson — **Les fragments du poète Hipponax.** *Édition critique et commentée.* Études et commentaires: XLIII. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1962. 195 pp.

Ainda há cinco anos, o estudioso de Hipónax teria de recorrer, para o conhecimento integral dos fragmentos do poeta efésio, a três obras diferentes: a colectânea dos *Poetae Lyrici Graeci* de Bergk (II, 4.^a ed., 1882; reimpressa em 1890 e 1915), que, anterior embora aos descobrimentos dos papiros, apresentava, em compensação, todas as relíquias menores e todas as glossas; a *Anthologia Lyrica Graeca* de Diehl (III, 3.^a ed., 1952, revista e aumentada por Beutler), onde figuravam — com suplementos por vezes aventurosos — os textos papiráceos menos mutilados; e os «Oxy-rhynchus Papyri», volumes XVIII (1941), XIX (1948) e XXII (1954), editados respectivamente por Lobel-Roberts-Wegener, Lobel-Roberts-Wegener-Bell e Lobel-Roberts, que transcreviam todos os papiros, sem excepção das lacinias mais desfeitas (!). A situação modificou-se, radical e surpreendentemente, a partir de 1959: Hipónax,

(!) Um minúsculo fragmento (148b Masson), de restituição problemática, aparecera nos *Griechische literarische Papyri* de Schubart (Berlin, 1950); e um artigo inédito do *Léxico* de Fócio (138a) — *βαρεία χεῖρ' Ἰππώναξ τὴν δεξιάν* — foi comunicado a Masson pelo professor helénico Linos Politis. Dos «Papiros gregos e latinos» (Soc. It.), vol. 9 (1929), 1089, Lobel reproduzira, com relíquias confirmativas procedentes de outro papiro (2174.24), o frg. *ἦνδα ὅε λυδίζουσα κτλ.* (92), pela primeira vez publicado por Coppola na «Riv. filol. istr. class.», 56 (1928), 500-506.